

## NEOCLASSICISMO

---

Talvez devêssemos apresentar a primeira fase da Literatura Cearense sob a denominação ampla de Classicismo (englobando o termo as manifestações que vão do Renascimento ao Arcadismo): é que, se a obra dos poetas que iremos estudar está liberta da maioria dos maneirismos barrocos, o certo é que também não apresenta aquela emoção que perpassa nos sonetos dos árcades mineiros. Seguimos porém a classificação dos autores que nos precederam e que, mais adstritos à época, chamaram de neoclássica a poesia dos Oiteiros.

### OS OITEIROS

Florescendo por volta de 1813 ou 1814, a literatura desse tempo é representada pelos poemas de um grupo que se reunia em torno do Governador Sampaio (Cel. Manuel Inácio de Sampaio), em sessões palacianas que ficaram famosas sob a designação de Oiteiros, onde se destacavam os nomes de Pacheco Espinosa, Castro e Silva, Costa Barros e outros. Sua poesia não se afastava dos louvores aos heróis e aos governantes, com o que seguiam um dos postulados neoclássicos de Luís Antônio Verney, teórico da corrente em Portugal; mas, ainda impregnados de racionalismo barroco, os poetas dos Oiteiros não se entregaram aos temas pastoris, a fim de embelezar a realidade. Daí, sua produção versificada, que não se eleva pela grandeza do estro, não poder ser considerada puramente arcádica ou neoclássica.



## PACHECO ESPINOSA

José PACHECO ESPINOSA — Nasceu na Ilha da Madeira, em data ignorada, vindo a falecer em dezembro de 1814, provavelmente no Ceará. Era um dos principais comerciantes de Fortaleza em seu tempo, chegando a fazer transações diretas com a Europa. Segundo informação do Barão de Studart, Espinosa foi “dos poetas de mais nomeada que teve o Ceará no começo do século passado”.<sup>3</sup> Apesar de nascido em terras de Portugal, aderiu à causa de nossa Independência.

### Soneto

*Alegrai-vos ó Chefe esclarecido  
Pois que extinta está a cruel guerra:  
Já respira alegria toda a terra,  
Já se esquece do que tem padecido.*

*Alegrai-vos Congresso enobrecido,  
Que a paz, a Santa paz que o mal desterra,  
A guerra afugentou que tudo aterra,  
E tudo deixa a cinzas reduzido!*

*Venceu a justa causa: aniquilado  
Esse monstro ficou, esse Tirano,  
Que há de perpetuamente ser odiado.*

*Regozija-te ó bravo lusitano!  
Vivas repete, Exército aliado!  
Exulta de prazer, Americano!*

### Soneto 2.º “Para o Chafariz da Vila Fortaleza”

*Esta que vês, curioso passageiro  
Límpida Fonte, clara, sussurrante,  
De cristalinas águas abundante,  
Que o Sítio faz ameno, e lisonjeiro:*



*Este manancial de água, o primeiro,  
Que fez surgir na Vila arte prestante,  
Para a sede saciar o caminhante,  
O sábio, o nobre, o rico, o jornaleiro:*

*Edificada foi incontinenti,  
No memorável, ótimo Governo,  
De Sampaio, Varão reto, ciente.*

*Como ao Povo mostrou amor Paterno,  
Para todo o seu bem foi diligente,  
Nesta Fonte deixou seu nome eterno.*

### **Soneto 3.º "Ao Aumento da Vila de Fortaleza"**

*Vai ó Fama, por toda a redondeza,  
Publicando por tuas bocas cento,  
Do Ceará que foi pobre o muito aumento,  
A grande exportação, suma riqueza.*

*Dize que já se vê fausto e grandeza,  
Na sua Capital do Chefe assento:  
Que polícia já tem, tem luzimento,  
E tem o que não tinha, Fortaleza.*

*Dize que do Governo a alta mente  
Estas obras brotou assaz louvadas,  
Por todos, sim, por todos geralmente;*

*Erários novos, rampas e calçadas,  
Aterro, Chafariz, Aula excelente,  
Novas ruas, muralhas elevadas!*

(Apud Dolor Barreira. "Associações Literárias no Brasil e Particularmente no Ceará — Oitavos", in *Revista do Instituto do Ceará*, vol. LVII, 1943, pp. 148-204.)



O soneto inicial refere-se provavelmente ao primeiro des-terro de Napoleão, sendo ele, portanto, esse tirano, *Que há de perpetuamente ser odiado*, visto haver ordenado a invasão de Portugal pelas tropas de Junot, como se sabe; por isso deve regozijar-se o português, assim como o exército aliado contra Bonaparte, e os americanos, ou seja, os brasileiros; note-se a dicção clássica sobretudo através do hipérbato (*A guerra afugentou que tudo aterra*). No segundo soneto, a pretexto de falar da construção de um chafariz em Fortaleza, derrama-se o poeta em elogios ao Governador Sampaio, que é citado nominalmente; é um dos raríssimos poemas da época em que há notas de poesia pastoril, apesar de tratar de uma fonte artificial: é quando, no primeiro quarteto, fala da fonte “clara, sussurrante”, abundante de águas cristalinas, e *Que o Sítio faz ameno e lisonjeiro*; há inversões igualmente nessa estrofe. O soneto “Ao Aumento da Vila de Fortaleza”, um dos mais interessantes de Pacheco Espinosa, volta aos elogios, exaltando o progresso da Vila, devido à “alta mente” do Governo Sampaio; no verso 8.<sup>o</sup> certamente quis o poeta fazer um trocadilho, dizendo que a vila “já tem o que não tinha”, isto é: fortaleza (qualidade de ser forte), com o que mostra forte acento barroco. Os sonetos todos seguem rigorosamente o esquema rimático do Classicismo, em ABBA ABBA CDC DCD. Pelo fato de serem quase todos dominados pelo tom louvaminheiro, o que, diga-se de passagem, era característica geral no tempo, assim se expressou Sílvio Júlio, tratando precisamente de Espinosa: “Sonetos, décimas, vários tipos de composições que deixou referem-se a coisas do Ceará. É pena que estes acontecimentos não fossem os da sociedade, porém os do governo. Em vez de cantar as praias batidas de vagalhões, o homem, gelidamente, atravancava o Parnaso com décimas e sonetos sobre um chafariz!”

Antônio de CASTRO E SILVA — Nasceu em Sobral em 21 de dezembro de 1787, e faleceu em Arronches (Porangaba), em 13 de julho de 1862. Tendo sido arbitrariamente preso em novembro de 1825, publicou mais tarde uma *Resposta* ao manifesto do ex-comandante das armas do Ceará, Conrado Jacó



Niemeyer (1828), saída no Rio de Janeiro. Era Cônego, tendo sido Capelão do Governador Sampaio.

*Este obséquio, Senhor, que vos envia  
Meu ânimo fiel, curto parece;  
Mas quem o pouco que possui oferece,  
Se mais tivera, muito mais daria.*

*Sobre singelas mãos não se avalia  
A oferta, pelo vulto que aparece;  
Que então a aceitação fora interesse,  
Vício que nunca em vós haver podia.*

*Bem sei que de meus versos a humildade  
Subir não pode àquele desempenho  
A que a minha afeição me persuade;*

*Mas uma salvação convosco tenho,  
Saber que a vossa cândida vontade  
Mais preza um dom d'amor que d'alto engenho.*

(Dolor Barreira. Op. e loc. cit.)

Repete-se aqui a poesia palaciana, fundamentada em temas muito pouco poéticos e cheios de lisonjas aos governantes, o que era de praxe na época, e como pregavam os árcades europeus, para os quais a poesia, entre outras coisas, deveria celebrar os deuses, os heróis e os homens ilustres. Mas é digna de nota a segurança com que Castro e Silva trabalha o decassílabo, que sai perfeitamente balançado, sem a dureza ou a frouxidão de alguns versos do próprio Espinosa. Castro e Silva, pelo menos neste soneto (o único que dele conhecemos), mostra-se um excelente artífice do verso, conhecedor da técnica do soneto, sabendo ainda tirar efeito dos hipérbatos e dando ao poema uns toques que mais o aproximam da dicção camoniana do que da arcádica. Note-se, no verso 3.<sup>o</sup>, a síncope não assinalada de *oferece*, que deve forçosamente ser lido como se estivesse grafado *of'rece*.



## COSTA BARROS

Pedro José da COSTA BARROS Júnior — Nasceu no Aracati, em 7 de outubro de 1779, e faleceu no Rio de Janeiro, em 20 de outubro de 1839. Deixou de fazer parte da Constituinte Portuguesa para ficar no Rio de Janeiro, trabalhando pela independência do Brasil. Foi eleito à Constituinte Brasileira em 1822, após cuja dissolução foi nomeado Ministro da Marinha. Veio para o Ceará em 1824, como Presidente da Província, ao tempo da rebelião de Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves. Um de seus poemas foi incluído no *Florilégio da Poesia Brasileira* (1850), de Varnhagen, editado em Portugal. De sua longa Ode “Aos Heróis Lus’Anglos” damos apenas uma amostra, transcrevendo-lhe o início:

### *Aos Heróis Lus’Anglos* (fragmento)

#### Estrofe 1.<sup>a</sup>

*Do Sacrossanto monte despregando  
As lisas, brancas asas pressurosa,  
Baixa celeste Musa:  
Do fogo, com que o Vate de Venusa,*

*Com que de Elpino a mente estrepitosa,  
Dos Heróis a favor foste inflamando,  
Benigna hoje me assiste, hoje me inflama:  
Com teu divino facho  
Tu na minha alma atea ardente chama:  
Guia-me ajoita mão, que as Cordas fira;  
E transporei às Eras  
Ações, que assustam Mantuana lira.*

#### Antístrofe 1.<sup>a</sup>

*Dos Lus’Anglos Heróis em toda a terra  
O sempre glorioso, imortal nome*



*Espalha novos brados:  
Heróis, filhos de Heróis, de Heróis traslados,  
Louro vivaz, que o tempo não consome,  
Verde sempre na paz, verde na guerra:  
No Eterno Templo só não brilha escrito  
    Temístocles, Lisandro,  
Crasso, Antônio, Pompeu, César invicto:  
Admira, ó Grécia; e tu contempla, ó Roma,  
    O glorioso enxame  
De modernos Heróis, que ao Templo assoma.*

Epodo 1.<sup>o</sup>

*O monstro vê raivoso  
    A Lusitana glória!  
Arma contra a Nação, que vencedora  
Sempre firme afrontou perigos, mortes,  
Invejoso, cruel, fatais coortes;  
    Mas vê que à estragadora  
Esfinge, que assolou Europa inteira,  
Lusos peitos se opõem. Há mor barreira.*

(Dolor Barreira. Op. e loc. cit.)

Esta é somente a sexta parte do poema que, seguindo o esquema da ode pindárica, é composto de Estrofes, Antístrofes e Epodos. Fiel a um dos postulados da corrente arcádica, celebra o poeta a luta de ingleses e portugueses contra os exércitos napoleônicos. Na 1.<sup>a</sup> estrofe, pede à Musa, como era de praxe, que lhe dê inspiração para cantar os feitos de heróis: a Musa deverá descer do Parnaso (o “Sacrossanto monte”), com o fogo que inflamou a mente de Horácio (o “Vate de Venus”); assim cantará o poeta ações tão admiráveis, que assustarão a própria inspiração de Vergílio (nascido em Mântua). Na 1.<sup>a</sup> antístrofe, são enumerados nomes de várias figuras da História Antiga, aos quais acrescenta o poeta os dos novos Heróis, igualmente gloriosos. Por fim, no epodo 1.<sup>o</sup>, é



preparado o ambiente para se iniciar a descrição dos combates: Napoleão intenta avançar contra Portugal, invejando-lhe as glórias. Os lusitanos porém se opõem energicamente, e forma-se inacessível barreira. Essa ode, embora sem grandeza, representa muito bem o poeta da época, com suas freqüentes alusões ao mundo antigo, e a pretensão de verem os poetas os seus cantos imortalizados tempos afora (“E transporei às Eras / Ações, que assustam Mantuana lira.”).

### Outros Nomes

Faziam parte dos Oiteiros ainda os poetas MANUEL CORREIA LEAL e Padre LINO JOSÉ GONÇALVES DE OLIVEIRA. Este último escreveu uma Ode Pindárica “Ao Ilmo. e Exmo. Sr. Governador Manuel Inácio de S. Paio.”

Para o historiador Carlos Studart Filho, os Oiteiros não devem ter durado apenas de 1813 a 1814 — como admitira Dolor Barreira —; é que o Governador Sampaio, que exerceu o governo da Capitania de 1812 a 1820, “Sendo inteligente e muito amigo de incentivar o gosto pelas Belas-Letras, não podia, é claro, desinteressar-se das atividades intelectuais de seus governados dois anos depois de eles terem iniciado com tanto ardor. <sup>5</sup> “E menciona ainda uma carta de 1817, em que o governador mecenas falava de uma festa, que teria sido abrilhantada com “Muitas peças poéticas de mais ou menos merecimento.”